



v. 10, n. 1: 26.º Encontro do Proler Joinville (out. 2020) / 11º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura – 2021 – ISSN 2316-395X

A linguagem dos objetos e das vestimentas: leituras (im)possíveis

The language of objects and clothing: (im)possible readings

El lenguaje de los objetos y la ropa: (im)posibles lecturas

Jéssica Borges Caikoski¹
Rosane Patrícia Fernandes²
Dione da Rocha Bandeira³
Raquel Alvarenga Sena Venera⁴
Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes⁴

Resumo: Este estudo faz parte de uma pesquisa de mestrado interdisciplinar vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, na linha de Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, e entrelaça discussões de cultura material, vestimenta e gênero tangidas pela linguagem das coisas. Com base nesse aspecto, objetiva-se problematizar as características simbólicas e culturais do

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille.

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. Arqueóloga do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille.

vestuário buscando desvelar os engendramentos entre sujeitos e coisas no interior da linguagem, dos códigos sociais e da materialidade. Este trabalho é de revisão bibliográfica, mobilizando teóricos da cultura material que tratam das interações entre sujeitos e objetos acionando a questão da vida social das indumentárias como Eco *et al.* (1982), Castilho (2004 *apud* MARTINS, 2020), Kopytoff (2008), Stallybrass (2008), Andrade (2011), Candau (2011), Miller (2013), entre outros, que propiciam por meio das suas teorizações da cultura material e das vestimentas a interpretação da linguagem simbólica, cultural e social das roupas. Nesse ínterim, percebe-se a autoconstrução dos sujeitos e como eles atravessam as práticas e os códigos sociais do vestir, apropriando-se de ambos para fixar identidades, marcar diferenças e posições ideológicas e evocar memórias.

Palavras-chave: linguagem; objetos; roupas; cultura material; memória.

Abstract: This study is part of an interdisciplinary master's research linked to the Graduate Program in Cultural Heritage and Society, in the line of Heritage, Environment and Sustainable Development, and interweaves discussions of material culture, clothing and gender, related by the language of things. Considering this aspect, the objective is to problematize the symbolic and cultural characteristics of clothing seeking to unsee the engendering between subjects and things within language, social codes and materiality. This work is a bibliographic review, mobilizing theorists of material culture that deal with interactions between subjects and objects triggering the issue of the social life of clothing, such as Eco *et al.* (1982), Castilho (2004 *apud* MARTINS, 2020), Kopytoff (2008), Stallybrass (2008), Andrade (2011), Candau (2011), Miller (2013), among others, that provide through their material culture and clothing theorizations the interpretation of the symbolic, cultural and social language of clothing. In the meantime, we perceive the self-construction of the subjects and how they cross the practices and social dressing codes, using them to fix identities, to mark differences and ideological positions and to evoke memories.

Keywords: language; objects; clothes; material culture; memory.

Resumen: Este estudio es parte de una investigación interdisciplinaria vinculada al Programa de Graduados en Patrimonio Cultural y Sociedad, en la línea de Patrimonio, Medio Ambiente y Desarrollo Sostenible, y entrelaza las discusiones sobre cultura material, vestimenta y género enredadas por el lenguaje de las cosas. Con base en ese aspecto, el objetivo es problematizar las características simbólicas y culturales de la vestimenta buscando desvelar los compromisos entre los sujetos y las cosas en conformidad con el lenguaje, los códigos sociales y la materialidad. La naturaleza de este trabajo es revisar la bibliografía de los teóricos de la cultura material que se ocupan de las interacciones entre sujetos y objetos, activando la cuestión de la vida social de las prendas de vestir, como Eco *et al.* (1982), Castilho (2004 *apud* MARTINS, 2020), Kopytoff (2008), Stallybrass (2008), Andrade (2011), Candau (2011), Miller (2013), entre otros, que proporcionan desde sus teorizaciones de la cultura material y el vestido la interpretación del lenguaje simbólico, cultural y social del vestido. Mientras tanto, se percibe la autoconstrucción de los sujetos y como pasan por las prácticas y los códigos sociales de vestimenta, apropiándose de ellos para fijar identidades, marcar diferencias y posiciones ideológicas y evocar recuerdos.

Palabras clave: lenguaje; objetos; ropa; cultura material; memoria.

INTRODUÇÃO

As roupas são objetos materiais que as pessoas usam e com os quais interagem. As coisas e os objetos da cultura material, aparentemente inanimados, agem sobre nós, regulam algumas de nossas funções sociais e atribuem significado simbólico à atividade humana, além de incorporarem discursos sociais relacionados a normas e valores.

Os objetos também carregam emoções pessoais e significados tradicionais que podem facilitar as interpretações sobre o sujeito que os usa, como é o caso das vestimentas. Por exemplo, usar determinadas indumentárias pode indicar gostos e referências socioculturais dos indivíduos e construir sua individualidade. Roupas, então, podem sugerir apego, ou negação interpessoal, de classe, ou de grupos sociais. Dessa maneira, mediam a formação de identidades, de autoestima e de padrões de consumo. Elas podem ser apontadas como marcadoras de gênero, de diferença, de estilo de vida e de *status* social expressas no corpo, como uma autoapresentação do sujeito. Ademais, nossas vestes representam um limite importante de nós mesmos que os outros não podem infringir.

Foi priorizada neste estudo como procedimento metodológico a revisão bibliográfica. Num primeiro momento são abordadas as vestimentas como objetos culturais acionados pelo viés da cultura material, seguindo para discussões da linguagem simbólica, cultural e social das roupas, finalizando com a relação entre moda e memória. Buscou-se por meio dessa revisão bibliográfica problematizar as roupas e indumentárias como documento histórico com potencialidades de gerar reflexões interdisciplinares pelos elos da memória com a cultura material.

A MATERIALIDADE CULTURAL NAS VESTIMENTAS

Conforme fundamenta Rede (1996), a expressão “cultura material” é polissêmica e adquire significados diferentes a depender da visão e da corrente de pensamento nas quais é acionada. Ademais, ela pode gerar espaço para ambiguidades, já que deixa implícita a oposição a uma pretensa cultura imaterial. Acerca das dicotomias que supõem ser possível uma separação entre humanos e coisas, Miller (2013) elucida que não é possível separar os sujeitos dos objetos e dizer que as pessoas fazem as coisas ou que estas últimas fazem as pessoas. O que temos, de acordo com ele, é um processo dinâmico em que fazemos objetos e, estando estes últimos integrados às nossas práticas cotidianas, eles passam a nos influenciar. O autor explica que as coisas materiais se configuram enquanto um cenário. Elas nos falam sobre o que é apropriado e inapropriado, de modo que, ao interagir com os artefatos, o sujeito acessa as normas culturais de determinada sociedade.

Não se poderia falar dos aspectos materiais da cultura (ou da cultura material) sem falar simultaneamente da imaterialidade que lhes confere existência (sistemas classificatórios; organização simbólica; relações sociais; conflitos de interesse, etc.) (REDE, 1996, p. 273).

O meio cultural também é um sistema de significados, já estabelecido pelos valores sociais cunhados pela ação humana e expressos em materialidade. O material integra o tecido das nossas vidas e nossos corpos, e “esses dois aspectos de nossas vidas [tanto os objetos materiais como o nosso corpo] têm a característica fundamental de fisicalidade não possuída pela maioria das outras facetas de nossa existência” (PEARCE, 1994, p. 2).

A materialidade enquanto elemento de subjetividade humana que não se manifesta somente nas categorias resultantes das intervenções humanas,

expressa por exemplo, naqueles objetos que estão inseridos em cadeias de gestos, compartilhando comportamentos técnicos advindos de tradições culturais [...]. A materialidade também se constitui por componentes físicos não necessariamente modificados por comportamentos antrópicos, mas que estão ou estiveram em interação com os grupos (COSTA; VIANA, 2019, p. 2).

Desse modo, entendemos que as coisas materiais estão diretamente implicadas em nossas subjetividades, pois nos relacionamos com elas desde o nascimento, e elas nos acompanham ao longo de toda a nossa vida. Tratando-se de roupas, em nossa sociedade, já saímos da maternidade com elas. O sujeito constitui-se à medida que se apropria do mundo simbólico, da linguagem, do material – transforma-o e modifica a si mesmo nesse processo. Por atuarem em um cenário que é naturalizado, os objetos podem ser utilizados para marcar identidades, diferenças e posições ideológicas, sendo capazes de interferir na própria regulação dessas identidades, visto que carregam certos significados sociais. Desta feita, “o estudo da indumentária não deve ser frio; ele precisa evocar o mundo tátil, emocional e íntimo dos sentimentos” (MILLER, 2013, p. 64).

Para Ingold (2007) e Olsen (2003), a cultura material que se constitui em torno de nós pode ser entendida como o resultado do processo histórico e social materializado na forma de coisas, objetos vistos como fenômenos de longa duração dotados de literalidade que podem ser interpretados como textos comunicativos atribuídos de significados sociais e simbólicos – a produção de significado é um processo contínuo na vida de um objeto, que depende tanto do leitor como do produtor.

As coisas que nos rodeiam fazem muito mais que apenas falar e expressar significados; elas revelam desde os primórdios como as relações com o mundo foram sendo estabelecidas. Logo, os objetos são vistos pelos estudos da cultura material como fonte de conhecimento, detentores de histórias, tecnologia, processos e memórias. Andrade (2011) considera as roupas como fonte histórica e um eficiente suporte de memória da evolução social e da moda, dotadas de riquíssimas informações culturais que servem de arrimo para diferentes interpretações. Assim, as peças de roupa são “suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida social” (MENESES, 1983, p. 112). Roupas são objetos materiais e possuem vida. Por isso, elas têm circulação social e biografias. “Sua longevidade material, geralmente maior que a humana, possibilita-lhes transitar por diversos espaços e tempos” (ANDRADE, 2011, p. 1).

Desse modo, os estudos das vestimentas por meio da cultura material permitem interpretá-las como referências culturais históricas na busca da compreensão das relações ontológicas e epistemológicas (TILLEY, 1990 *apud* PEARCE, 1994; LIMA, 2011) capazes de desvendar os processos culturais materiais e imateriais que organizam a vida social, usando a materialidade como suporte para pensar as pessoas, seus hábitos, comportamentos, conflitos e demais relações sociais.

LINGUAGEM, CORPO E GÊNERO EXPRESSOS PELAS VESTIMENTAS

A roupa não tem apenas o sentido utilitário de abrigar o corpo das intempéries climáticas. Ela é atribuída de significados, bem como evidencia comportamentos, atitudes e sentimentos. As vestimentas e os modos de vestir-se podem ser entendidos como linguagens estruturadas que comunicam a interação dos sujeitos com o mundo. Visto que “as roupas são destinadas a ser usadas no espaço público [...], nós nos vestimos para os outros não para nós mesmos” (CRANE, 2006, p. 456). As roupas em interação com o corpo, adornando-o, “constroem regimes de interações e de presença, desempenhando uma ampla variedade de funções comunicativas” (ASSUNÇÃO, 2017, p. 51).

Lacan, utilizando o algoritmo de Saussure e os postulados de Freud, inverte os termos da linguística saussuriana, passando a privilegiar o significante em detrimento do significado (S/s). O significante (S), grafado em letra maiúscula, é marcado pelo sujeito e pelas condições de enunciação, sendo subjetivo e, portanto, passível a variadas significações. Já o significado (s) só pode ser atingido em raras ocasiões. Ele está separado do significante por uma barra (/), que ilustra o recalçamento do significado (BARTHES, 1971 *apud* MÁXIMO; ALVES, 2017).

É da articulação do significante em cadeias que provém o significado. O significante só adquire sentido em relação a uma combinação com outros significantes interarticulados pelo sujeito da enunciação em uma estrutura combinatória (STARNINO, 2016). Desse modo, os significantes atribuídos aos objetos e às vestimentas vão depender da constituição de cada sujeito. Ainda que os signos sejam compartilhados socialmente produzindo certas colagens com a significação, uma leitura da indumentária será sempre subjetiva, já que acontece de acordo com as condições de enunciação por meio das experiências de fala. Como fundamenta Barthes (2009), uma imagem apresenta várias informações, e o sentido que tiramos dela sempre depende de uma escolha do observador, pois não há no conjunto de um vestuário a hierarquização de nenhuma informação. Já a palavra imobiliza nossa percepção em determinadas coisas, fixando algumas possibilidades em detrimento de todas.

O corpo, a constituição do sujeito é escrita no simbólico, e este dá origem a significantes singulares para cada sujeito. Pensando na moda, esse corpo coberto de significantes e significados singulares, fazendo escolhas para recobrir o real desse corpo (a anatomia em si, o orgânico) e constrói uma relação com essas roupas as significando especificamente, chegando a um estilo próprio, atribuindo e simbolizando essas roupas de acordo com a sua personalidade (MÁXIMO; ALVES, 2017, p. 7).

Em relação às marcas de roupa e aos diferentes estilos, os fabricantes das peças, além de visar despertar o desejo de compra, também procuram acionar nos sujeitos expectativas de pertencimento de mundo consonantes com os valores que a marca propaga (CARVALHAL, 2005 *apud* MÁXIMO; ALVES, 2017). Isso reverbera em sentimentos de identificação no imaginário do público. Assim, nas formações identitárias, na captura do olhar do Outro, a moda insere-se, trazendo à tona o motivo pelo qual precisamos ser olhados, os processos de identificação pelos quais formamos nossa própria imagem.

Tratando-se da indústria da moda, se não fossem pelos mecanismos de produção de sentido atrelados aos processos identificatórios, as vestimentas estariam restritas ao seu uso funcional, seriam compradas e produzidas no ritmo de seu desgaste, e não haveria tantas peças diferentes nem tantas marcas. Conforme diz Barthes (2009), para instigar o desejo de compra, é posto diante do comprador um véu de sentidos, razões e imagens em torno dos quais são elaborados sentidos indiretos, apetitosos ao gosto do consumidor. Ou seja, é levantado um simulacro em torno do objeto real.

Eco *et al.* (1982) versam que a linguagem das roupas, além de proporcionar a transmissão de significados, também serve à identificação de posições ideológicas que são dadas conforme um código de vestuário específico. O vestuário diz sobre as formas significativas que foram escolhidas para transmitir determinados significados. Os autores exemplificam a questão com o caso de, em uma reunião corporativa de uma grande empresa, vestir-se com barba estilo Guevara e boina basca com estrela. Seria difícil dizer aos presentes que se vestiu dessa maneira ao acaso e que não tinha intenções polêmicas. Como explica Rede (1996), o ideológico não se expressa apenas no discurso verbal; ele está presente também nas coisas materiais.

Ademais, Eco *et al.* (1982) apontam para a existência de uma flutuação nos códigos de vestuário associados ao tempo e ao espaço que atravessam a nossa vestimenta, visto

que o social está sempre se modificando. “O analista do vestuário que queira introduzir as opções ideológicas ou psicológicas dos comportamentos da maneira de vestir, deve estar pronto a tomar os códigos como enquanto se manifestem e imediatamente desfaçam” (ECO *et al.*, 1982, p. 20).

Entwistle (2002) fundamenta que a discussão das roupas está diretamente atrelada à questão do corpo. Ao problematizar o vestir, devemos considerar as práticas corporais no contexto, já que os corpos vestidos se localizam em um contexto sociocultural específico. Além disso, precisamos levar em conta que as vestimentas atuam sobre os corpos, já que estão diretamente implicadas em determinados usos corporais (MAUSS, 1974).

A ação de revestir e adornar o corpo marca a transição do ser humano biológico em ser cultural. Ornamentar o corpo, enfeitar-se é um produto sociocultural (CASTILHO, 2004 *apud* MARTINS, 2020). É no corpo que Bourdieu (1983) diz que as pessoas materializam indiscutivelmente seus gostos por certos estilos de roupa, cabelo e objeto de adorno. Ou seja, o corpo, como figura corporificada de gosto, manifesta discursos pessoais que podem ser interpretados como linguagem do estilo de interação social do sujeito. Isso, relacionado à vestimenta, levanta diversas questões articuladas à discussão de gênero. Debate para o qual Belotti (1975) acena, ao afirmar que as roupas atuam na produção da feminilidade desde cedo, já que as meninas ao utilizar vestido têm certos comportamentos vedados, o que corrobora para a edificação da sua identidade de gênero.

As questões de gênero associadas às roupas surgem como tema emblemático. As roupas são acionadas na repetição das normas de gênero e frequentemente corroboram com a reprodução e reificação de significados heteronormativos que dividem e classificam os corpos em masculino e feminino de acordo com os argumentos biológicos (SANTOS, 2018).

Os significados para o que é ser mulher e ser homem não estão ligados aos conceitos biológicos, ou seja, às características anatômicas e fisiológicas do sexo feminino e masculino, mas sim às construções socioculturais, às representações significativas relacionadas às formas pelas quais se reconhece e se distingue cada sexo e o que passa a ser definido como masculinidade e feminilidade em um determinado momento histórico. Assim, o gênero é pensado com respeito a diferenças sociais percebidas entre os sexos, conforme a cultura, a época, a idade, a raça e a classe social (ASSUNÇÃO, 2017, p. 52).

Em termos de roupas femininas, tem-se como exemplo o *corset*, peça que ao longo da história já passou por significações atreladas desde a opressão à libertação feminina. A peça, que era usada pelas mulheres na era vitoriana por obrigação – para manter a postura, restringir a mobilidade e modificar o corpo –, foi ressignificada nos anos 1970 como subversiva ao ser apropriada pelo movimento *punk* e pelas dançarinas burlescas (GUIMARÃES, 2019).

Em consonância com Zambrini (2016), compreende-se que, em nossa sociedade ocidental, temos como representações da divisão e classificação dos gêneros certas cores como o rosa e o azul, e mesmo as saias, que costumam estar atreladas às usuárias do gênero feminino, além da maquiagem e dos acessórios. A classificação de gênero envolvendo a distinção de cores, peças, modos de vestir e de se adornar está associada à compreensão binária de gênero que perdura em nosso imaginário coletivo, mas que é ressignificada e, portanto, se transforma o tempo todo, como se pode observar na apropriação de saias pelos homens e no borramento das distinções de gênero provocadas pela moda *queer* e pelas modelos trans nas passarelas das grandes marcas. “Estudar moda é também pesquisar a construção social dos gêneros procurando entender como o olhar da sociedade vai mudando em relação ao que entendemos por masculino e feminino” (ZAMBRINI, 2016, p. 58).

VESTIMENTAS, MEMÓRIA E SUAS MÚLTIPLAS RELAÇÕES

Os seres humanos nutrem um vínculo exclusivo com determinados objetos que guardam com cuidado e carinho. Essas coisas, guardadas e fora de circulação, tornam-se um tipo de registro documental que aciona diferentes memórias no sujeito e serve como ligação com o passado e momentos vividos. Eventos marcantes fazem-nos querer preservar indumentárias, sejam elas um vestido, sejam uma blusa. “A roupa tende, pois, a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente” (STALLYBRASS, 2008, p. 14). Para Candau (2011), é da memória que emerge a personalidade de um sujeito; ela é condição para a possibilidade de representação de um Eu. A consciência de si deriva da duração e repetição dessas representações. Pela memória o indivíduo se estrutura, atribui sentido.

Azevedo Netto, Loureiro e Loureiro (2014) tratam os objetos como materiais de memória, enfatizando seu papel simbólico. Os objetos criados pelos humanos trazem vestígios de seus criadores e das pessoas que os utilizaram. Os humanos imprimem suas marcas no material. Os objetos ancoram memórias, são capazes de comunicar, de fazer lembrar, de transmitir mensagens, intencionais, a exemplificar as lápides, ou não, tais quais os objetos cotidianos que por vezes dizem sobre nós sem que nos demos conta.

Conforme fundamenta Starace (2017), nós podemos ser reconhecidos nos muitos objetos que possuímos. Nossos objetos, nossas vestimentas, as coisas que nos acompanham ao longo do tempo vão sendo substituídos e ressignificados à medida que se tornam anacrônicos. O ato de guardar certos objetos ou roupas também nos fala sobre as escolhas envolvendo qual passado manter e de qual passado se desfazer, considerando ainda que “a imagem que desejamos dar de nós mesmos a partir de elementos do passado é sempre pré-construída pelo que somos no momento da evocação” (CANDAU, 2011, p. 77). Tal problemática, articulada ao nível macro, no campo do patrimônio cultural, leva-nos a questionar as escolhas envoltas no processo de patrimonialização das indumentárias presentes em acervos, que, deslocadas da vida comum, adquirem outro *status*, já que os monumentos servem à construção de uma memória coletiva em torno da qual edificamos nossa narrativa histórica. Essa memória é negociada e, portanto, está imersa em diversos processos de disputa política (POLLAK, 1989).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As roupas e indumentárias estudadas como objeto das culturas material e imaterial se configuram como documento histórico detentor de informações culturais preciosas que podem ser acionadas por diversos campos de investigação patrimoniais.

Como se observou, as coisas materiais atravessam nossas práticas cotidianas, nossos códigos sociais; elas são elementos importantes presentes nos processos de identificação. Dispõe-se delas para marcar diferenças, afirmar identidades pessoais e mesmo para construir uma memória coletiva, que é negociada nas disputas políticas que atravessam as escolhas dos objetos, acionados na tentativa de nos representar enquanto coletivo.

Verificou-se ainda que a interpretação dos objetos e das vestimentas perpassa por diferentes sistemas semânticos, e as leituras dos objetos estão sujeitas às condições de enunciação, sendo, portanto, subjetivas. Assim, o significado de uma vestimenta só é possível de ser atingido na articulação do significante em uma cadeia de combinação com outros significantes realizados pelo sujeito da enunciação.

Desejou-se, neste estudo, a construção de uma reflexão interdisciplinar na qual se entrelaçaram diferentes campos do saber e que é fundamental para a compreensão das mensagens que os artefatos, ou nesse caso o objeto vestuário, podem narrar.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Rita Moraes de. O caso do vestido e a biografia cultural das roupas. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Anpuh, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300890066_ARQUIVO_RitaAndrade_comunicacao_ANPUH2011.pdf. Acesso em: nov. 2020.
- ASSUNÇÃO, Letícia Formoso. O conceito de moda e o seu papel nas relações de gênero. **Poliedro**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 48-64, 2017.
- AZEVEDO NETTO, Carlos X.; LOUREIRO, Maria Lucia N. M.; LOUREIRO, José Mauro M. O rumor dos objetos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2014. **Anais** [...]. 2014. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/2543>. Acesso em: 9 nov. 2020.
- BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BELOTTI, Elena Gianini. **O descondicionamento da mulher**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. *In*: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. Tradução de Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.
- CANAU, Joël. Da mnemogênese à memogênese. *In*: CANAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- MARTINS, Marcelo Machado. Moda e linguagem. Resenha. **DeSignis**, v. 32, 2020. Disponível em: <http://www.designisfels.net/revista/32/designis-i32p183-185.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021.
- COSTA, Diogo Menezes; VIANA, Sibebe. Materializando a história: o passado humano através da cultura material. **Mosaico**, v. 12, p. 3-13, 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7316/pdf>. Acesso em: out. 2020.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. Tradução de Cristiana Coimbra. São Paulo: Senac, 2006.
- ECO, Umberto *et al.* **Psicologia do vestir**. Tradução de José Colaço. 2. ed. Lisboa: Scarl, 1982.
- ENTWISTLE, Joanne. **El cuerpo y la moda: una visión sociológica**. Barcelona: Paidós, 2002.
- GUIMARÃES, Bárbara. **Corset: um ícone do vestuário – da opressão à libertação**. **Arquitetando Estilos**, 15 jan. 2019. Disponível em: <https://arquitetandoestilos.com/corset-um-icone-do-vestuario-da-opressao-a-libertacao/>. Acesso em: 16 ago. 2020.
- INGOLD, Tim. Materials against materiality. **Archaeological Dialogues**, v. 14, n. 1, p. 1-16, 2007.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008. p. 89-121.

LIMA, Tânia Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v6n1/a02v6n1.pdf>. Acesso em: ago. 2020.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EDU/EdUSP, 1974. v. 2. p. 401-408.

MÁXIMO, Gabriela C.; ALVES, Evandro F. A semiótica no mundo da moda: uma visão psicanalítica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE DESIGN E MODA, 4., 2017, Bauru. **Anais** [...]. Bauru: UNESP, 2017. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/coloquio2017/anais/anais/13-Coloquio-de-Moda_2017/PO/po_3/po_3_A_SEMIOTICA_NO_MUNDO_DA_MODALIDADE.pdf. Acesso em: 6 ago. 2020.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, n. 115, p. 103-117, 1983. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61796/64659>. Acesso em: nov. 2020.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OLSEN, Bjornar. Material culture after text: re-membering things. **Norwegian Archaeological Review**, v. 36, n. 2, p. 87-104, 2003.

PEARCE, Susan M. (org.). **Interpreting objects and collections**. Londres: Routledge, 1994. p. 327-335.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, p. 265-282, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v4n1/a18v4n1.pdf>. Acesso em: out. 2020.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Gênero e cultura material: a dimensão política dos artefatos cotidianos. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 1, 2018.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

STARACE, Giovanni. **Os objetos e a vida**: reflexões sobre as posses, as emoções, a memória. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

STARNINO, Alexandre. Sobre identidade e identificação em psicanálise: um estudo a partir do Seminário IX de Jaques Lacan. **DoisPontos**, v. 13, n. 3, 28 dez. 2016.

ZAMBRINI, Laura. Olhares sobre moda e *design* a partir de uma perspectiva de gênero. **Dobra[s]**, São Paulo, v. 8, n. 19, p. 54-61, 2016.